

## Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007

Leonildo Silveira Campos\* [leocamps@uol.com.br / gipesp@metodista.br]

### Resumo

Os dados estatísticos sobre o campo religioso brasileiro do fim do século XX indicavam tanto um enorme crescimento do Pentecostalismo como uma diminuição no número de católicos romanos. Assim, a discussão proposta neste artigo é a seguinte: poderemos prever que na próxima década o Brasil se tornaria um país *pentecostal* ou *carismático*? De qualquer modo os números apontam para um país que continuará cristão. Mesmo porque os cristãos eram 97,8% em 1940 e em 2000 eram somente 8.6 pontos percentuais a menor, o que não confirma a expectativa de um enorme processo de secularização e de abandono do Cristianismo, mas uma recomposição no interior do campo religioso.

**Palavras-chaves:** Religião em números, Diversidade religiosa, Pluralismo Religioso, Pentecostais.

### Abstract

The statistical data on the religious Brazilian field of the end the 20<sup>th</sup> century indicates both the enormous growth of Pentecostalism, as well the ongoing downfall in the number of Catholics. Thus the discussion proposed in this article: could we predict that in the next decades Brazil would become a *Pentecostal* or *Charismatic* country? Anyway the numbers point to a still Christian country. Even why between 1940 (97, 8 %) and 2000 (89, 2%) the fall in the number of Christians (8.6 percentage points) does not confirm a huge secularization process with the abandonment of the Christian faith, but rather a recomposition in the religious field.

**Keywords:** Religion in numbers, Religious diversity, Religious pluralism, Pentecostals.

\* Doutor em Ciências da Religião, professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, lecionando nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Administração.

## Introdução

O panorama das religiões cristãs no Brasil é complexo e multifacetado. Há discussões taxinômicas intermináveis a respeito das melhores formas de classificar, dividir e nominar os cristãos brasileiros. Por isso, elaborar um mapa com os números dessa realidade não deixa de ser uma tarefa complexa. Até porque, muitas vezes, as fronteiras são fluídas, se interpenetram e fogem ao rigor que uma mensuração aceita como norma de trabalho.

Mesmo assim, que mensagem os números dos vários censos e pesquisas a respeito da religião nos transmitem sobre a diversidade e a pluralidade religiosa nas últimas décadas do século XX no Brasil? Que mapa esses números permitem desenhar para expressar a diversidade cristã naquele período? O que se pode afirmar sobre a perda numérica do Catolicismo e do pequeno crescimento do Protestantismo resultante da imigração ou de missões ao lado da explosão pentecostal? Será verdadeira a afirmação que a velocidade do crescimento pentecostal e carismático torna o país um forte candidato a uma hegemonia dessas expressões sobre o campo religioso? Estariam os números, particularmente dos que se declaram *sem religião*, indicando um permanente aumento no processo de secularização? Ou aqueles números indicam muito mais um processo de decomposição institucional e de desmontagem do sagrado instituído?

Este artigo pretende refletir sobre algumas dessas perguntas e também relacionar o estado de *pluralidade* que se faz presente na atual *diversidade* religiosa visibilizada, não somente em números, mas também histórica, social e politicamente nos últimos setenta anos no país. Esse foi um período em que o Brasil rapidamente se industrializou e se urbanizou, desfazendo liames que pareciam solidamente edificados ao longo de cinco séculos de colonialismo português. Procuramos seguir as sugestões de Jean-Pierre Bastian de que é necessário separar, para uma boa discussão desse tema, os termos *pluralidade*, *pluralização* e *pluralismo*. Para Bastian “... *pluralidad es un estado de diversificación; pluralización, el proceso de diversificación; y pluralismo, un grado de desarrollo social donde predomina una real (y no formal-jurídica) libertad real de culto y una cultura de la tolerancia reciproca*” (2008: e-mail). Daí existir, ainda para Bastian, uma “... *pluralidad sin pluralismo como ocurre frecuentemente en América Latina. Por ejemplo, en Chiapas, hay pluralidad,*

*pero un agudo conflicto político-religioso que hace que no se puede hablar de pluralismo aunque la diversificación o pluralidad religiosa vaya creciendo” (idem).*

Relacionar o estado, o processo e o grau de desenvolvimento de nossa diversidade religiosa implica na percepção de que a realidade está ligada não somente à urbano-industrialização, mas também ao êxodo rural, à explosão de megalópoles e de metrópoles regionais, ao aumento da desigualdade social e ao surgimento de uma cultura mundializada. Esses são alguns dos fenômenos que possibilitaram atribuir à mídia um importante papel na reconstrução das teias de relacionamento entre indivíduos e grupos sociais num contexto adverso, complexo e pluralista.

Relembremos também que as curvas de crescimento e de decréscimo religioso no Brasil tiveram como contexto fenômenos políticos, econômicos e sociais significativos, além da Segunda Guerra Mundial, da turbulência econômica pós-1929; das transformações políticas do período Vargas (1930-1945) marcadas pelo populismo e autoritarismo. Após o período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, o país experimentou crises que levaram os militares para o exercício do poder político (1964). Esses militares voltariam aos quartéis somente 21 anos depois (1985).

Porém, nos anos 80, os meios de comunicação de massa, rádio e televisão principalmente, se aproveitando do avanço da telefonia na década anterior e da unificação comunicacional do país, passaram a oferecer às pessoas novas maneiras de rearticulação do tradicional com o moderno. O campo religioso dificilmente iria sair sem profundas alterações diante de tantas mudanças experimentadas pela sociedade brasileira nessas seis décadas visibilizadas nos números dos censos de 1940 e o de 2000.

A reconstrução para fins de comparação dessa trajetória *de crescimento* positivo dos evangélicos, dos sem religião e dos que se declaram partícipes de outras religiões de um lado; e do *crescimento negativo* de católicos de outro lado; podem ser percebidas nas tabelas e gráficos elaborados com números oriundos do Censo IBGE desde 1940 e de outras pesquisas realizadas vez ou outra. Por isso o quadro estatístico foi ampliado com dados oriundos de pesquisas como DataFolha (dados de 2007), Fundação Getúlio Vargas (FGV) e investigadores norte-americanos. A pesquisa da FGV foi coordenada por Marcelo

Neri (2007), que trabalhou com microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2003 (também do IBGE).

Para contrastar os números de evangélicos levantados em diversos momentos e metodologias com os números do Catolicismo usamos estimativas de missionários protestantes, embora tenham sido geradas quase sempre com objetivos missiológicos ou apologéticos. Por isso, analisaremos no final deste artigo os números divulgados nos Estados Unidos como na pesquisa realizada por *The Pew Forum on Religion & Public Life*, intitulada *Spirit and Power – A 10 Century Survey of Pentecostal*, em 2006. Outros números apareceram no texto *Moved by the Spirit: Pentecostal Power & Politics after 100 years*, apresentados a um evento realizado na *University of Southern Califórnia*, Los Angeles, Califórnia.

Essa mesma preocupação missiológica se tornou presente em estrategistas da Escola de Missões Mundiais, do Seminário Teológico Fuller (Pasadena, Califórnia), com mais força nos anos 1970 (READ; INELSON: 1973). Nessa escola, e em outras esferas eclesiais norteamericanas, proliferaram esforços para a geração de estratégias que pudessem levar o Protestantismo mais conservador a uma retomada do crescimento, particularmente na América Latina, onde os números se tornaram muito menos significativos com o avanço pentecostal. Em uma série cinco opúsculos de manuais, Read e Inelson (1974) seus autores, propunham “*um estudo da dinâmica do crescimento da Igreja nas décadas de 1950 e 1960, e do seu enorme potencial para a de 70*”. O primeiro volume era um convite à observação da distribuição regional do crescimento dos protestantes. O segundo chamava a atenção para uma análise denominacional desse crescimento. Já os terceiro e quarto eram uma proposta para o estabelecimento dos perfis do crescimento da igreja e de como tal metodologia poderia ser usada no que viria no quinto volume ser chamado de “como avaliar as igrejas”. Essas propostas têm encontrado apoio em entidades que procuram reunir e incentivar os evangélicos ao redor da missão, entendida como crescimento de igrejas. Entre outras há a SEPAL – Serviço de Evangelização para a América Latina ([www.lideranca.org](http://www.lideranca.org)).

Quanto à origem cronológica dos números, optamos em trabalhar com um período de maior duração do que as duas últimas décadas do século XX. Assim, podemos notar que a Tabela

1 deste texto, embora tomando como ponto inicial os números do Censo de 1940, deve ser vista à luz de uma realidade que antecede a essa data. Isso nos possibilita uma comparação com os números das seis décadas posteriores com alguns dados do início do século XX. Todavia, foi graças aos números dos censos do IBGE de 1940 e 2000 que se pode perceber a queda na porcentagem de católicos de 95,2% da população para 73,9%; enquanto os evangélicos, que eram 2,6%, subiram para 15,6%; os sem religião saíram de uma pouco perceptível marca de 0,2% para atingir a dos 7,4%; enquanto os pertencentes a outras religiões, que eram 1,9%, se tornaram 3,5%, nesse mesmo período.

## **1 – A diversidade religiosa brasileira à luz dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**

Quando da publicação dos dados do IBGE referente ao Censo de 2000 houve um debate a respeito de suas formas de levantamento e interpretação dos dados relativos à religião. Clara Mafra (2004:153ss) discutiu alguns problemas relativos a tal questão em um estimulante artigo na revista *Religião e Sociedade*.

Porém, se os dados do Censo de 2000 são importantes ferramentas para o estudo demográfico do Brasil, por outro lado eles já se encontram defasados na medida em que a década chega ao fim e nos aproximamos do final dessa primeira década do século XXI. Já existe uma razoável expectativa pelos números do próximo Censo. No entanto, algumas outras pesquisas surgiram depois do último Censo do IBGE. Os novos números confirmam ou modificam, embora levemente, aqueles números oficiais. Mas, um dos motivos da popularidade dos dados de 2000 talvez se deva a confirmação que ele fez da velocidade da queda do Catolicismo e do rápido crescimento dos evangélicos pentecostais nos nove anos anteriores e num período mais longo de seis décadas (Tabela 1 e Gráfico 1).

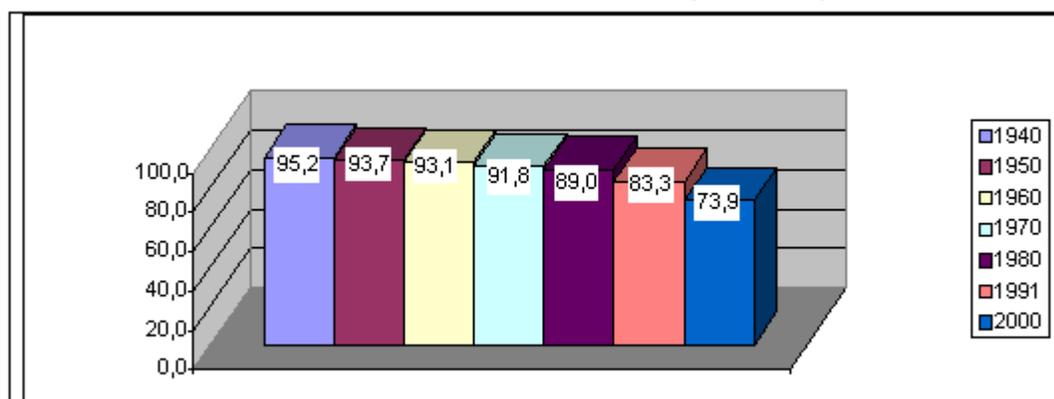
**Tabela 1 - Religiões no Brasil – 1940-2000**

ANO	Católicos	Evangélicos	outras religiões	sem religião
1940	95.2	2.6	1,9	0,2
1950	93.7	3.4	2,4	0,3
1960	93.1	4.3	2,4	----
1970	91.8	5.2	2,3	0,8
1980	89.0	6.6	2,5	1,6
1991	83.3	9.0	2,9	4,7
2000	73.9	15.6	3,5	7,4

**Fonte:** IBGE – Censos demográficos. (quadro comparativo por % da população do país)

Os números dos Gráficos 1 e 4 tornam visível que o crescimento pentecostal foi inversamente proporcional ao decréscimo do Catolicismo e ao lento e quase vegetativo crescimento do Protestantismo histórico brasileiro, ao longo do século XX. Entendemos aqui por *protestantes históricos* aqueles grupos originários das missões norte-americanas e inglesas e os luteranos herdeiros, direta ou indiretamente, da Reforma protestante do século XVI. Nesse caso, são deixados de lado os pentecostais.

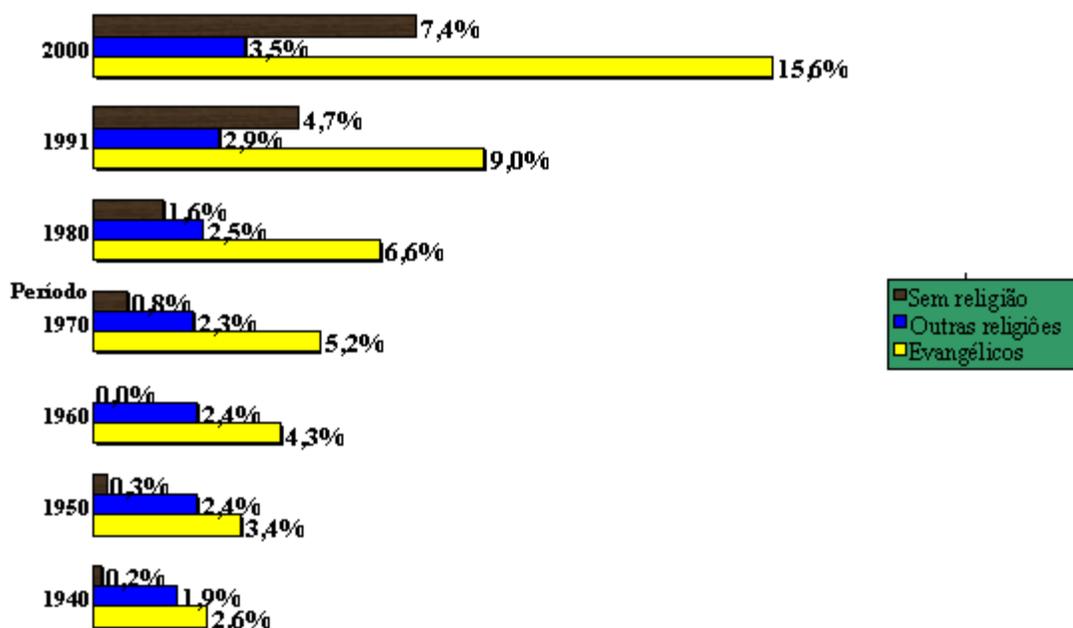
**Gráfico 1 – Catolicismo no Brasil (1940-2000)**



**Fonte:** Censos do IBGE

Esses números da diversidade religiosa brasileira, e o papel ocupado pelos evangélicos nesse cenário, *a fortiori* pelos pentecostais, ficam mais visíveis ainda se compararmos os números de vários censos do IBGE expostos, entre outros, nos Gráficos 1, 2, 3 e 4.

Gráfico 2 - População de evangélicos, outras religiões e sem religião

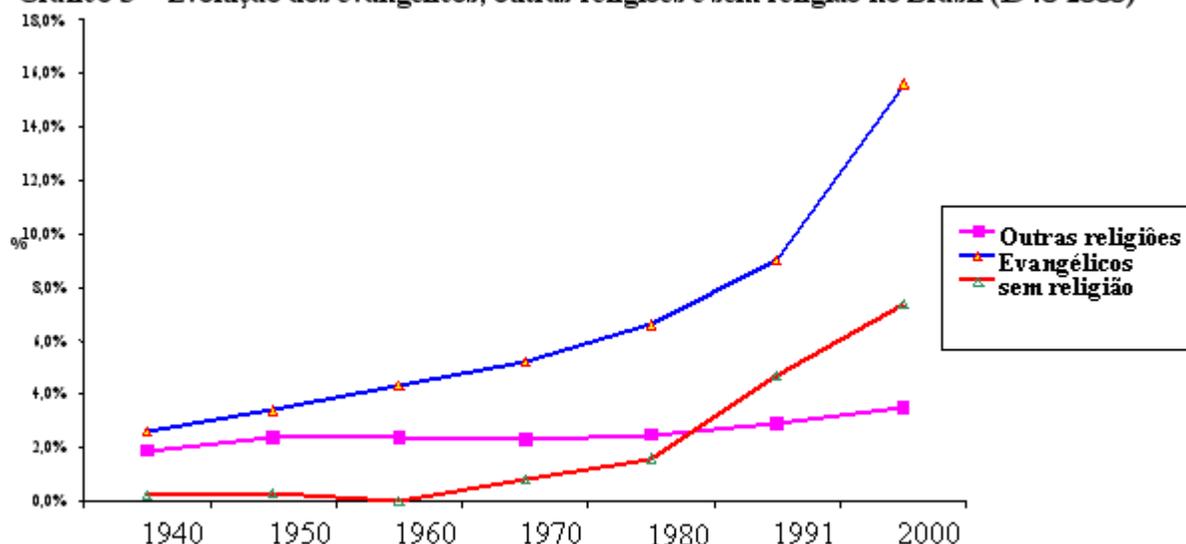


Esses dados levantados pelo Censo do IBGE permitem uma visão de longa duração da dinâmica e da recomposição do campo religioso brasileiro. Por exemplo, em números absolutos, os católicos no *Censo de 1960*, eram 65.235.595 (93,1%); em 1970, atingiram a cifra de 85.775.047 (91,8%). Houve, portanto, na década anterior (1960-70) um decréscimo de 1,3% a despeito do aumento no número absoluto de mais de 20,5 milhões de católicos. Por sua vez, os evangélicos, que eram 3.077.926 (4,3%), foram para 4.833.106 (5,2%), o que equivale a um aumento de 57% sobre os números de 1960. A população católica, que teve um acréscimo de 34,3% entre os anos 1950-60 em números absolutos, cresceu a uma taxa menor nos anos 1960, ou seja, de 31,4%. Os pertencentes a outras religiões caíram de 2,4% para 2,3% e os sem religião subiram de 0,5% para 0,8% da população.

Já o Gráfico 3 mostra a evolução das outras religiões, dos “evangélicos”, e dos sem religião naquelas seis décadas. No entanto, os pertencentes a outras religiões não tiveram o mesmo crescimento apresentado pelos sem religião. Esse gráfico pode ser visto como uma confirmação da tese de que o acontecido foi muito mais uma ruptura com as formas institucionalizadas historicamente pelo Cristianismo do que a prova de uma explosão da secularização. Nesse caso, na sociedade brasileira, a despeito do aumento no número dos que se apresentam como sem religião, a secularização não tem se manifestado como um

processo irreversível, irresistível e crescente, tal como acontece em muitas das sociedades ocidentais. Por outro lado, a possível *revanche do sagrado* também não permite uma postura de otimismo institucional por parte das igrejas históricas e tradicionais. Em outras palavras, embora a secularização não se manifeste com toda a sua força, não se pode descartar que ela provoca no mínimo alterações na estrutura e funcionamento do campo religioso brasileiro.

**Gráfico 3 – Evolução dos evangélicos, outras religiões e sem religião no Brasil (1940-2000)**



Fonte: Censos do IBGE de 1940-1950.

Os números do IBGE apontam para um crescimento contínuo e acelerado de expressões religiosas *não católicas romanas* ao longo do período, particularmente nos anos 1990. Por isso, é necessário analisar com maior atenção os resultados dos censos posteriores aos anos 1970, que são os de 1980, 1991 e 2000.

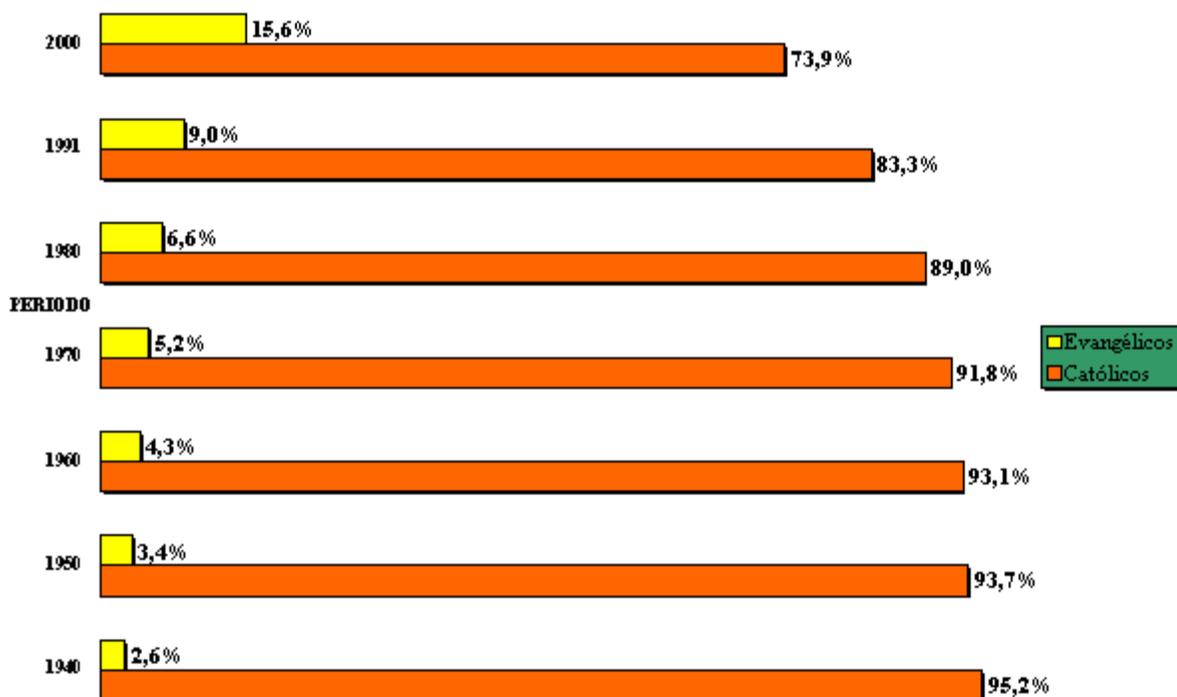
Os números do *Censo de 1980* apontaram para uma população católica de 105.860.063 (89%), que em 1970 era de 85.775.047 (91,8%), portanto, um avanço de 23% em números absolutos, mas uma queda de 2,8%. Os evangélicos passaram de 4.833.106 (5,2%) para 7.885.650 (6,6%) o que lhes dava um aumento de 63,1% em porcentagem sobre os números absolutos e 1.4 pontos percentuais. Os pertencentes a outras religiões aumentaram de 2,3% para 2,5%, enquanto os sem religião dobraram a sua participação, cuja porcentagem saiu da faixa de 0,8% para 1,6%.

O *Censo de 1990* foi realizado apenas em 1991. Os católicos, que eram 105.860.063 (89%), se tornaram 122.365.302 (83,3%), um acréscimo de 11,5% em números absolutos, mas uma queda de 5,7 pontos percentuais. Os evangélicos saltaram de 7.885.650 (6,6%) para 13.157.094 (9%), um aumento de 52,7% em números absolutos. Os sem religião passaram de 1.953.085 para 6.946.077, um aumento recorde de 255,6%; enquanto os que afirmaram ser de outras religiões 2,5% subiram apenas 0,4%, atingindo 2,9%.

O *Censo de 2000* indica que os católicos, em números absolutos, saíram dos 122.365.302 (83,3%) e atingindo um total de 125.517.222 (73,9%), um aumento de apenas 3.151.920 ou de 2,5%, mas uma queda de 9,4 pontos percentuais. Os evangélicos dobraram em números absolutos, aumentando de 13.157.094 (9%) para 26.452.174 (15,6%). Em números absolutos, o aumento percentual foi de 101%. Já os sem religião atingiram a marca de 12.492.189, um acréscimo no período de 79,8%, muito abaixo da década anterior, porém significativo em números absolutos. As outras religiões também tiveram um excelente desempenho, pois subiram dos 2,8% para 3,5% da população do país.

O Gráfico 4 ilustra bem a distribuição do espaço cristão compartilhado por católicos e evangélicos naquelas seis décadas. Podemos chamar aqui esse espaço cristão de subcampo religioso cristão para diferenciar do espaço de outras religiões ou dos sem religião. Fica bem claro quanto, nos anos 1990, a diferença entre ambos se tornou tão evidente. Notemos ainda que a última *década* do século não corresponde a 10 anos e sim a nove, pois o Censo no Brasil de 1990 somente aconteceu um ano depois.

Gráfico 4 - Comparação entre católicos e evangélicos (1940-2000) – em %



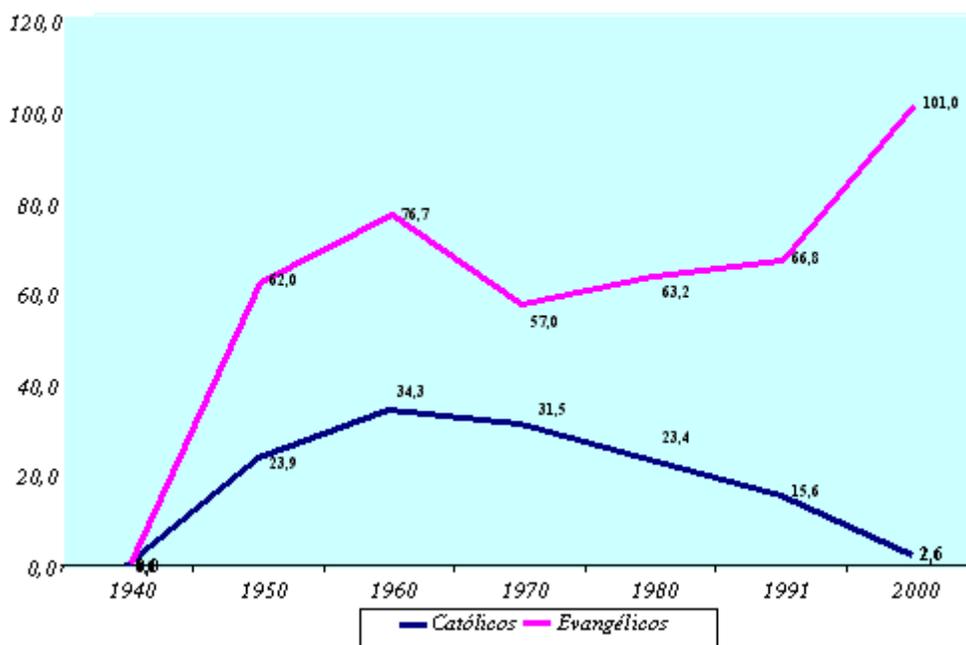
Fonte: Censos do IBGE de 1940 a 2000.

O *Censo de 2000* marcou o final do século XX e o início do novo século. Naquele momento, os números divulgados pelo IBGE pareciam indicar que o país estava se tornando cada vez menos católico, mais evangélico por um lado, e mais secularizado de outro. Porém, o relatório do IBGE (2003:47) registrava: “... a diversidade religiosa brasileira tem crescido muito nas últimas décadas, e as informações censitárias permitiram identificar a maior pluralidade religiosa no Brasil (...)”, porém o “... Brasil continua sendo mais católico apostólico romano, entretanto, com um ritmo de crescimento pequeno (...)”. Ficou claro também com os dados levantados pelo IBGE o tamanho do prejuízo que o crescimento pentecostal provocou no número de católicos (conforme Gráfico 4). Porém, aumentou o número de evangélicos, e dentre eles houve um excepcional aumento no número de pentecostais, assim como daqueles que se declararam pertencentes aos grupos *outras religiões* ou *sem religião*.

Mas, teria a sangria católica diminuído nos anos 2000? As pesquisas FGV (2007 com dados de 2003); as da DataFolha (de 2007); e a pesquisa de 2006 de *The Pew Forum*; as duas

últimas realizadas com pessoas com mais de 15 anos de idade, indicam que a perda de fiéis católicos continua, a despeito do avanço da renovação carismática. No entanto, essas mesmas pesquisas sugerem que o número dos sem religião parece ter diminuído. Isso talvez nos sugira que tais dados se referem mais ao contingente de pessoas desligadas das formas institucionalizadas da religião do que aos ateus ou aos sem religião. De qualquer forma, essa oscilação dos números da categoria dos sem religião nos encaminha para discussões que aparecem em debates como o ocorrido nas páginas da revista italiana *Liberal*, dos quais participaram intelectuais laicos como Umberto Eco e um cardeal da Igreja Católica, Carlo Maria Martini. Os resultados desse debate foram publicados no Brasil com o título *Em que crêem os que não crêem?* (ECO, MARTINI, 2006). Essa questão aparece também em pesquisas sobre o lugar da crença religiosa entre os intelectuais e professores universitários. Geraldo José de Paiva (2000) publicou as pesquisas que fez, a partir de uma perspectiva psicológica, entre os docentes da Universidade de São Paulo com o título *A religião dos cientistas*.

**Gráfico 5 - Evolução de católicos e evangélicos (1940 e 2000, em %)**

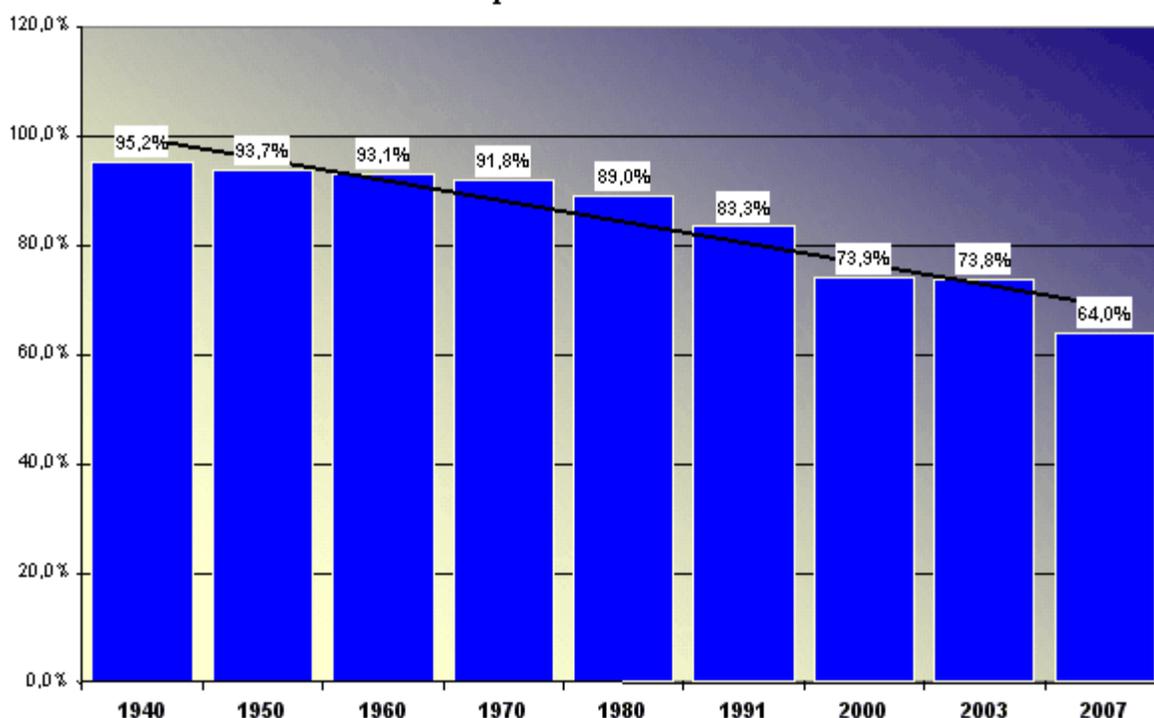


As tabelas 1 e 2, assim como os gráficos 1, 2, 3 e 4, sugerem ter havido um dinâmico trânsito no cenário religioso brasileiro ao longo daquelas décadas. Ressaltamos tal

mobilidade e evolução em termo de porcentagem e de aumento em números absolutos de católicos, evangélicos e dos que se consideram sem religião. O número de católicos teve um acréscimo de 220,4% nesses 60 anos, enquanto os evangélicos aumentaram em 2.361% e os sem religião tiveram um estrondoso aumento de 14.204,6%. Seria uma sinalização de ter havido um aumento da secularização e da laicidade no país? Houve um aumento do trânsito religioso e milhões estariam num ponto de transição entre dois pontos, um de origem e outro de chegada? Vejamos, separadamente, a evolução de cada um desses grupos.

Antônio Flávio Pierucci (2004:17), escrevendo sobre o panorama religioso brasileiro visualizado nos números do Censo IBGE 2000, concluiu que os últimos censos do século passado apontam, sem dúvida alguma, para a existência de trajetórias declinantes do Catolicismo, do Protestantismo tradicional e das religiões afro-brasileiras. Há, para ele, ao redor desses números, que continuam caindo, o estabelecimento de uma “rota de destradicionalização cultural do País” (2004: 27). O Gráfico 5 aponta para a intensidade com que esse fenômeno impactou o Catolicismo brasileiro. Ora esse impacto se torna ainda maior se levarmos em conta os números da FGV (2003) e da DataFolha (2007). Aliás, somos de parecer que a visita do Papa Bento XVI, em 2007, tem muito a ver com a divulgação desses números e com os esforços da Igreja Católica para adotar estratégias que visem deter o avanço pentecostal, das seitas e dos movimentos não-católicos.

Gráfico 6 – A perda católica entre 1940-2007



Fonte: Números do IBGE - 1940 - 2000; FGV - 2003; DataFolha - 2007

Notemos também, à luz da Tabela 2, elaborada com números absolutos, que o Catolicismo aumentou 23,9% nos anos 40; na década seguinte 34,3%; nos anos 60, 31,5%; caiu em 23,4% nos anos 70, em 15,6% nos anos 80, e apenas 2,6% nos anos 90. Houve uma perda católica de 21.3 pontos percentuais entre 1940 e 2000, o que pode visualmente ser observado no Gráfico 5 e 6. Porém, esse quadro de perda pode ainda ficar pior se levarmos em consideração os números de 2003 usados na pesquisa FGV (2007) que indica ter a porcentagem de fiéis católicos caído em 21.4 pontos até 2003 ou os números apresentados pela pesquisa DataFolha que aponta par uma perda de 31.2 entre 1940 e 2007.

**Tabela 2 – Evolução das religiões no Brasil de 1940 a 2000**

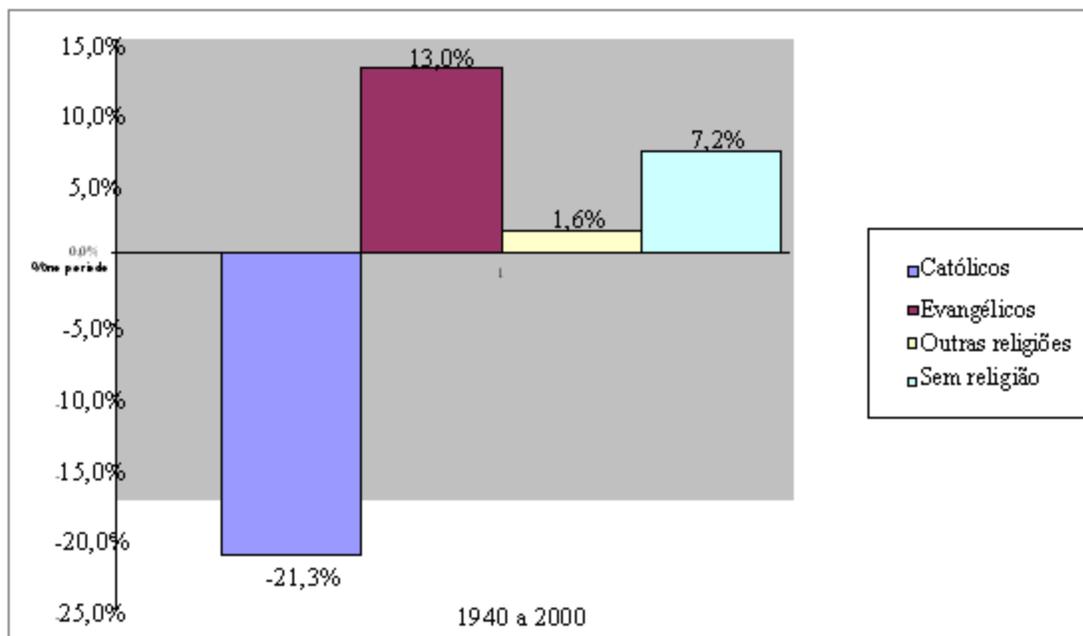
Católicos, evangélicos, outras religiões e sem religião no Brasil										
ANO	Católicos			Evangélicos			Outras religiões	Sem religião		
	(% da população país)			(% da população país)				N°s absolutos e %		
	N°s absolutos	%	Evolução %		%	Evolução %	%	N°s absolutos	%	Evolução %
1940	39.177.880	95,2%	0,0	1.074.857	2,6%	0,0	1,9%	87.330	0,2%	0,0
1950	48.558.854	93,7%	23,9	1.741.430	3,4%	62,0	2,4%	274.236	0,3%	214,0
1960	65.235.595	93,1%	34,3	3.077.926	4,3%	76,7	2,4%	-----	----	214,0
1970	85.775.047	91,8%	31,5	4.833.106	5,2%	57,0	2,3%	704.924	0,8%	214,0
1980	105.860.063	89,0%	23,4	7.885.650	6,6%	63,2	2,5%	1.953.085	1,6%	177,1
1991	122.365.302	83,3%	15,6	13.157.094	9,0%	66,8	2,9%	6.946.077	4,7%	255,6
2000	125.517.222	73,9%	2,6	26.452.174	15,6%	101,0	3,5%	12.492.189	7,4%	79,8
Evolução entre 1940 e 2000		-21,3%	220,4		13,0%	2.361,0	1,6%		7,2%	14.204,6

**Fonte:** IBGE – Censos demográficos (1940-2000)

Observações: 1. Evolução - em % sobre o crescimento em números absolutos (colunas 4, 7 e 11); 2. outras religiões – em % da população do país.

A respeito das perdas do Catolicismo, vale a pena citar as observações feitas por César Romero Jacob *et. alii.* (2003: 15): “... se o número de pessoas [números absolutos] que se declaram católicas (...) está em constante crescimento no Brasil: 85,8 milhões em 1970; 105,9 em 1980, 122,3 em 1991 e 125,5 milhões em 2000”, de onde “vem a ideia de que a religião católica estaria atravessando uma grave crise no Brasil, se os resultados dos recenseamentos dos últimos 30 anos mostram o aumento dos números de fiéis?” A resposta a essa questão vem do fato de que é na proporcionalidade entre católicos e número total da população brasileira é que se pode perceber o tamanho do prejuízo.

Gráfico 7 - Crescimento das religiões e dos sem religião



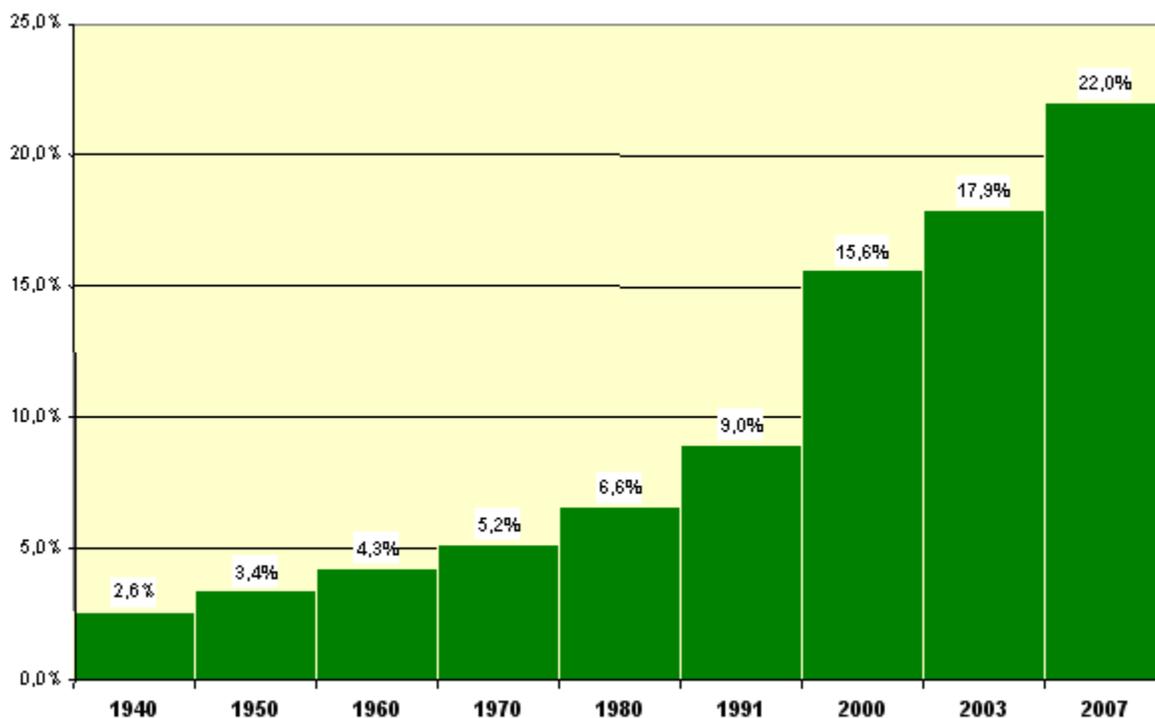
Para explicar a situação do Catolicismo brasileiro, os autores do *Atlas de Filiação Religiosa* colocam duas hipóteses. A primeira delas vem da demografia, pois, como eles mesmos registram, o crescimento católico não seguiu a mesma velocidade e proporção do aumento da população do país. Uma segunda explicação vem da Sociologia da Religião, que aponta para um crescimento dos evangélicos, em especial dos pentecostais. A metodologia usada por Jacob *et alii* (2003) aproxima Demografia, Geografia e indicadores sociais, permitindo uma excelente percepção de que há uma ligação entre explosão populacional nas regiões metropolitanas, crescimento dos evangélicos, decréscimo católico e alterações nos indicadores sociais. Porém, como assinalam Renee de la Torre e Cristina Gutiérrez Zuñiga, coordenadoras do *Atlas de la diversidad religiosa em México* (2007:7ss), a diminuição no número de católicos necessita ser analisado também à luz das diversidades regionais do país, das perspectivas históricas, econômicas, sociológicas, antropológicas, geográficas e demográficas.

Por outro lado, tais dados estariam refletindo os problemas econômicos, sociais e culturais existentes nas grandes metrópoles mais do que nos bolsões rurais, onde o Catolicismo continua hegemônico. Os textos de Jacob *et alii*. propõem esse tipo de discussão, inclusive,

no texto posterior (JACOB, et. alii. 2006) em que se analisam 18 capitais brasileiras, os aspectos demográficos foram combinados com indicadores sociais, produzindo assim, para deleite dos pesquisadores, quatrocentos mapas. Tal associação tem permitido aos pesquisadores brasileiros um aprofundamento da visão geo-social-religiosa da quase totalidade das capitais de estados e das áreas metropolitanas a elas associadas.

Os evangélicos entre 1940 e 2000 nunca tiveram um crescimento médio abaixo dos 50% por década (Gráfico 7). Seus números foram, respectivamente, 62% nos anos 40; 76,7% na década de 50; 57% nos anos 60; 63,2% na década de 70; 66,8% nos anos 80 e 101% nos nove anos entre o Censo de 1991 e o de 2000. Somente nesses últimos nove anos do século XX eles saltaram de 13,1 milhões para 26,4 milhões, ganhando 13 pontos percentuais entre 1940 e 2000. Esses números se tornam mais significativos ainda se forem considerados os dados apresentados pela pesquisa FGV (dados de 2003) e o DataFolha (2007).

**Gráfico 8 – Crescimento de evangélicos (incluindo pentecostais)**



Fonte: Números do IBGE 1940-2000; FGV - 2003 e DataFolha - 2007

Não se deve, no entanto, atribuir à totalidade dos evangélicos o crescimento observado. Pois, nas seis décadas anteriores ao ano 2000, houve uma inversão na proporção de pentecostais e evangélicos de missão (tradicionais ou históricos) na população de evangélicos brasileiros. Assim, os pentecostais, que se situavam entre 1930 e 1940 no rodapé das estatísticas, se tornaram hegemônicos dentro do campo evangélico ou protestante. Essa comparação entre evangélicos pentecostais e não-pentecostais aparece bem no Gráfico 8. Nele observamos que os pentecostais estimados em 9,5% em 1930, passaram a 77,86% em 2000. Pressupomos que os convertidos ao Pentecostalismo vieram inicialmente de meios evangélicos tradicionais e depois, com mais intensidade, do Catolicismo.

Esses dados reaparecem em pesquisas não tão amplas geograficamente falando, realizadas pelo hoje infelizmente desativado Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais e publicadas em 2004 por Silvia Regina Alves Fernandes (FERNANDES 2004: 26 e 187). No texto que divulgou as pesquisas, assim como em artigo de Fernandes e Pitta (2006:120ss), pode-se observar que 23,5% de pessoas deixaram o Catolicismo. Desse total, 58,9% se converteram ao Pentecostalismo e somente 13,8% foram para as denominações protestantes históricas. Fernandes e Pitta (2006:131) apontam ainda para um dado muito interessante: 33,2% dos que se moveram na direção dos sem religião saíram do meio pentecostal, enquanto somente 23,1 % e 11,8% saíram, respectivamente, do Catolicismo. Esses números levantam mais uma outra hipótese para nossa reflexão: nem sempre o Pentecostalismo parece ser o ponto final de ex-católicos ou ex-protestantes históricos, que experimentaram a mobilidade religiosa em algum momento da vida. Mesmo assim, aquele mapeamento das rotas do trânsito religioso brasileiro como outros estudos em andamento permitem estabelecer uma relação estatística significativa entre as ofertas religiosas e a busca dos indivíduos em um novo contexto histórico e social.

A participação dos pentecostais no rol dos evangélicos brasileiros não é um fenômeno tão significativo somente nos dias atuais. Por exemplo, os números de 1964, comparados com a situação em 1930, podem ser notados na Tabela 3. Nela observamos que entre os evangélicos de missão os números da expansão favoreceram os batistas, que estão divididos no Brasil, em tradicionais (Convenção Batista Brasileira) e carismáticos

(Convenção Batista Nacional); os Batistas regulares, (fundamentalistas); e alguns grupos pequenos de batistas de origem russa, sueca e de outras procedências. Os luteranos participam do total com 18,32%; os presbiterianos (do Brasil, Independentes e Renovados) com 16,92%, sendo 10% considerados evangélicos de outras procedências.

**Tabela 3 – Distribuição de evangélicos por denominação religiosa**

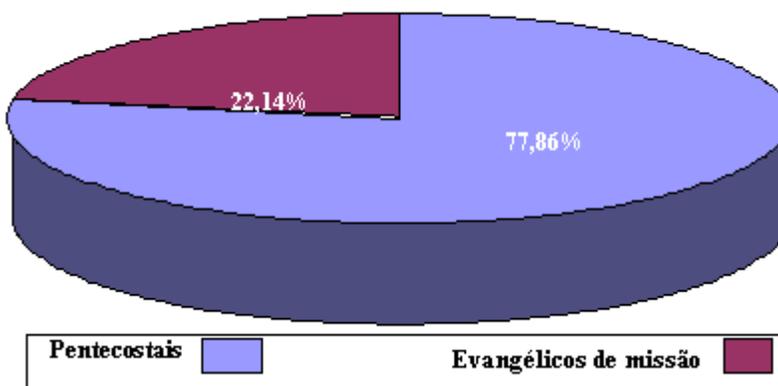
Denominações	Participação (%) 1930 (Braga)	Participação (%) 1964 (Read)
Batistas	30	10,2
Presbiterianos	24	7,2
Metodistas	11,5	2,3
Presbiterianos Independentes	10	(Incluídos nos presbiterianos)
Pentecostais	9,5	73,6
Adventistas	5	2,7
Congregacionais	3	(Incluídos nos outros)
Episcopais	2,5	(Incluídos nos outros)
Outros	4,5	4,0

**Fonte:** Braga & Grubb (1932), *The Republic of Brazil: a survey of the religious situation* e Read, *Fermento religioso nas massas*, 1967.

Por outro lado, se compararmos os dados da Tabela 3 e do Gráfico 9, referentes aos evangélicos históricos ou de missão, com os números usados por Erasmo Braga & Kenneth Grobb, observaremos que os batistas sempre tiveram uma presença significativa entre os evangélicos. Eles apareciam com 30% em 1930 e 54,56% em 2000; os presbiterianos com 34% em 1930 e 16,92% em 2000; os luteranos, que eram 38,35% dos evangélicos em 1920, segundo Paulo M. Higgins (1923) passaram para 18,32%, em 2000. Os batistas, talvez pela sua agressiva maneira de fazer propaganda ou pela forma congregacional de organizar as suas congregações locais, obtiveram um melhor equilíbrio entre o governo local, o poder das associações estaduais, e o controle indireto e não intervencionista de uma Convenção nacional. Eles demonstraram, ao longo das décadas, um salto de quase 25 pontos.

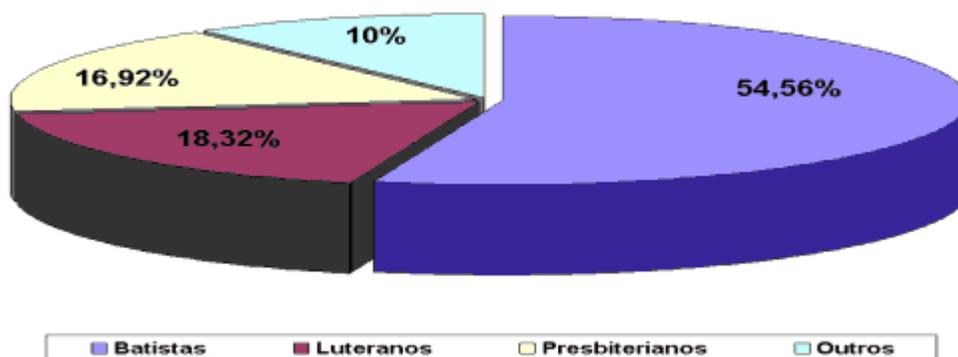
Assim, a participação pentecostal (Gráfico 9) no cenário evangélico brasileiro no final do século XX se tornou hegemônica. De cada quatro evangélicos, um era pentecostal.

Gráfico 9 - Pentecostais e evangélicos de missão (2000)



No ano 2000, se excluirmos os adventistas, que não se consideram evangélicos e nem são por eles assim designados, temos uma forte presença batista na composição do subcampo religioso protestante histórico ou de missão no Brasil. No entanto, se incluirmos os luteranos, cuja classificação como Protestantismo de *imigração* ou de *missão* ainda é objeto de discussão e disputa, o quadro novamente se altera.

Gráfico 10 – Evangélicos históricos (com exclusão dos adventistas)



Fonte: IBGE 2000

Deve-se ainda observar que o crescimento dos evangélicos não se deu de forma equilibrada pelo país. O Gráfico 11 visualiza a distribuição em porcentagem da Tabela 4. A Região Sul manteve a liderança nos anos 60 e 70, talvez devido à forte presença luterana. Porém, nos anos 80, 90, e nos três primeiros anos do novo século, o Sul foi superado pelos índices de crescimento evangélico da região Norte.

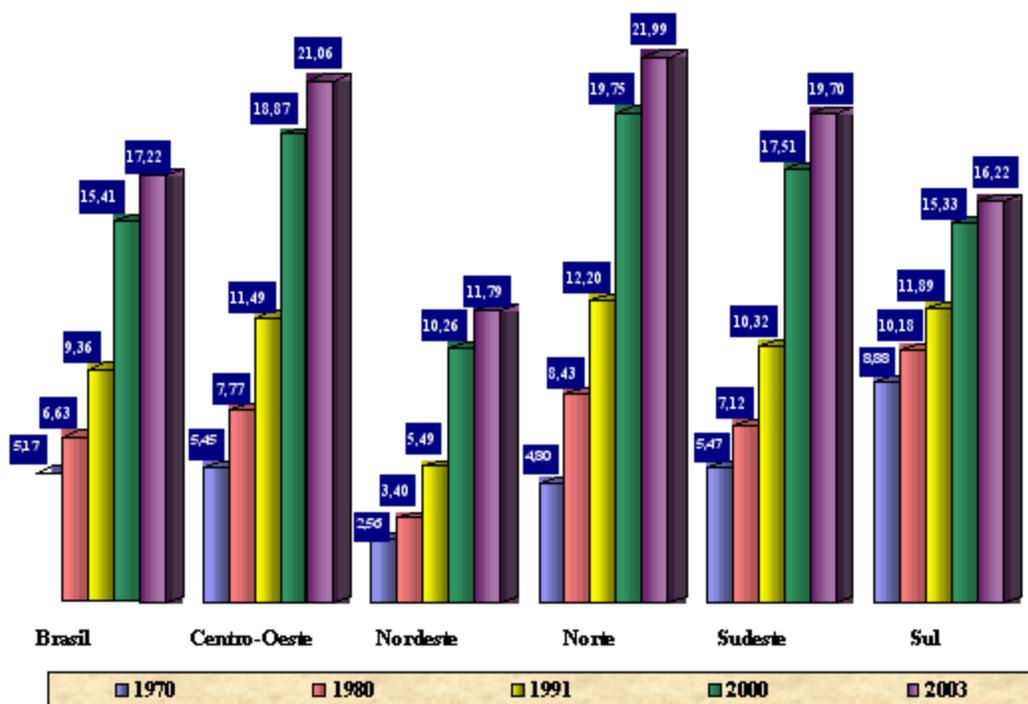
**Tabela 4 - Distribuição dos evangélicos por região do país (em %)**

Região/Ano	1970	1980	1991	2000	2003
Brasil (média)	5,17	6,63	9,36	15,41	17,22
Centro-Oeste	5,45	7,77	11,49	18,87	21,06
Nordeste	2,56	3,40	5,49	10,26	11,79
Norte	4,80	8,43	<b>12,20</b>	<b>19,75</b>	<b>21,99</b>
Sudeste	5,47	7,12	10,32	17,51	19,70
Sul	<b>8,88</b>	<b>10,18</b>	11,89	15,53	16,22

**Fonte:** Os dados das décadas 1970-2000 são do IBGE e os de 2003 da SEPAL

Foi significativo o aumento de evangélicos na região mais populosa e urbana do país, a Sudeste, onde praticamente eles dobraram seus números entre 1970 e 1991 e, novamente, entre 1991 e 2003. Segundo o IBGE, dos 17,7 milhões de pentecostais no Brasil, em 2000, 3,3 milhões de fiéis estavam nas duas maiores cidades do país: São Paulo e Rio de Janeiro. No município do Rio de Janeiro, conforme Jacob (2006:146), os pentecostais, que eram 6,5% da população em 1991, em 2000 já eram 11,3%. Nos demais municípios da região metropolitana, nessas mesmas datas, a percentagem era, respectivamente, 10,7% e 17,1%. Nos demais municípios da região metropolitana de São Paulo, em 1991 os pentecostais eram 8,1% e, em 2000, eram 15,6%. Os números de ambas as cidades indicam uma concentração maior de pentecostais nas regiões periféricas. O texto de Jacob *et. alii.* aponta para duas regiões da periferia de São Paulo onde tais índices foram de 18% e 30% da população. Os autores assim registram: “... em torno dos bairros com melhores condições de vida da cidade, tem-se um verdadeiro anel pentecostal” (2006: 161).

Gráfico 11 – O crescimento evangélico por regiões do país



Fonte: IBGE (1970-2000) e Sepal (2003)

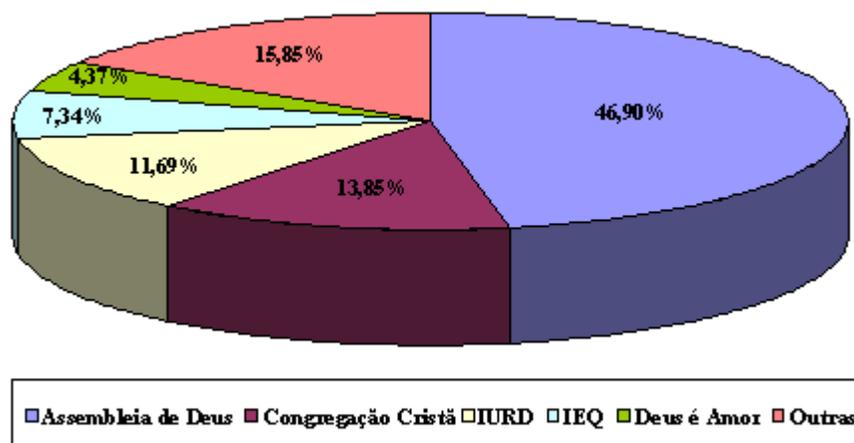
A Tabela 4 e o Gráfico 11 expressam bem a distribuição dos evangélicos nas diversas regiões do país ao longo de um período de 33 anos. Para isso, usamos dados do IBGE e de números divulgados por uma para-eclésiástica especializada em missões, SEPAL - Serviços para Evangelização da América Latina. Porém, por questão de espaço não foi possível incluir tabela ou gráfico que pudesse apontar para a força dos números do crescimento evangélico (mais pentecostal) nas regiões do Sudeste como um todo.

No entanto, César Romero Jacob *et. alii.* (2003: 33ss) analisarem bem e de uma forma didática como se dão as relações da diversidade religiosa e fatores cronoespaciais envolventes nesse processo, em especial após os anos 1980. As regiões Norte e Centro-Oeste, devido às frentes migratórias, de ocupação da Amazônia e de regiões centrais do país nos anos 80 e 90, com mais força no Amapá, Acre, Rondônia, Goiás e Tocantins. Nessas regiões houve um enorme crescimento pentecostal. Por isso mesmo um estudo das micro-regiões, em especial do Norte e Centro-Oeste, oferece aos pesquisadores excelentes exemplos da relação entre migração e Pentecostalismo.

A fertilidade da metodologia de Jacob *et. alii.* (2006) favorece a percepção das relações entre os indicadores demográficos, sociais e econômicos, em especial no Sudeste, mas também nas regiões metropolitanas das capitais brasileiras, onde o crescimento pentecostal apresenta fortes vínculos com a demografia e problemas decorrentes das taxas de urbanização. Fizemos (CAMPOS, 2006) investigações em um contexto de cidade-região (Grande ABC paulista) sobre as relações entre crescimento pentecostal e os índices sociais de pobreza, analfabetismo, violência, desemprego, desigualdade e exclusão social de um lado, e o crescimento do Pentecostalismo de outro. Os números apresentados no final da investigação se mostraram coerentes dentro da equação exploração desde a influência da sociologia marxista, isto é, onde há mais problemas sociais e econômicos, há maior presença de templos e de redes de templos pentecostais e neopentecostais.

A diversificação religiosa provocou também, no interior do subcampo religioso evangélico, uma inversão na distribuição entre pentecostais e evangélicos tradicionais. É possível perceber pelo Gráfico 12 que o potencial de atração de cada Igreja pentecostal não é a mesma. Pesquisas mais focadas poderão ser feitas, a fim de se conhecer melhor as relações de classe social, de necessidades ou de aflições, com a conversão a esta ou aquela denominação. De qualquer maneira, o crescimento das igrejas pentecostais colocou no ranking, em primeiro lugar, a Assembleia de Deus, depois, a Congregação Cristã no Brasil, seguidas pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e Igreja Pentecostal Deus é Amor. Além dessas há, também, um grupo de igrejas que formaram um Pentecostalismo pulverizado em centenas de igrejas e templos locais, que não formam grandes redes de templos, mas que têm uma participação de 15,85% no total de pentecostais recenseados em 2000.

Gráfico - 12 – Principais igrejas pentecostais



Fonte: IBGE – 2000

Na Tabela 5 foi feita uma distribuição dos fiéis pentecostais brasileiros por sexo. Os números mostram a existência do seguinte ranking de igrejas nas quais o número de fiéis mulheres é maior: IURD (61,93%) e IEQ (58,68%). Nessas igrejas as mulheres estão acima da média de 56,54% do subcampo pentecostal e muito acima da média nacional de mulheres (50,79%) e de homens (49,21%). No entanto, a predominância de homens nos espaços de poder é significativa na IURD. Essa Igreja, que tem apenas 38,07% de homens, não abre praticamente nenhum espaço à participação das mulheres no ministério pastoral ou em funções-chave para a manutenção e reprodução do poder na Igreja. Elas prestam serviços religiosos apenas como *obreiras*, que na linguagem institucional, é apenas um espaço entre o nível de pastor auxiliar e fiel comum da Igreja, conforme registramos em outro texto (CAMPOS, 1997: 439ss). Todavia, os homens na condição de *obreiros* podem ser alçados à condição de *pastor auxiliar*.

Já na Igreja do Evangelho Quadrangular acontece o contrário. Essa igreja, cuja fundadora foi Aimee McPherson (1890-1944) era uma mulher com uma significativa liderança carismática no meio pentecostal norte-americano desde 1912. Em 2007, cálculos da própria Igreja indicavam a existência de 15.023 membros do ministério que atuavam no Brasil. Desse total, 5.951 eram mulheres, ou seja, um percentual de 39,6%. Atribuimos a influência da fundadora como o fator mais importante na abertura de espaço para as mulheres no

pastorado, mesmo no interior de uma cultura com forte preponderância masculina como é a brasileira.

**Tabela 5 – Evangélicos pentecostais (distribuídos por sexo)**

	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Subcampo pentecostal	17.975.249 ** (68,64)	7.831.285 * (43,56)	10.143.964 * (56,54)
Igreja Assembleia de Deus	8.418.140 * (46,83)	3.804.658 * (45,19)	4.613.482 * (54,81)
Congregação Cristã no Brasil	2.489.113 * (13,85)	1.130.329 * (45,41)	1.358.785 * (54,59)
Igreja Universal Reino de Deus	2.101.887 * (11,69)	800.227 * (38,07)	1.301.660 * (61,93)
Igreja do Evangelho Quadrangular	1.318.805 * (7,34)	545.016 * (45,32)	773.789 * (58,68)
Outras pentecostais não especificadas	3.647.303 * (20,29)	1.551.055 * (42,52)	2.096.248 * (57,48)

Fonte: IBGE – Censo de 2000 (Tabela 1.1.2)

**Observações:** Os dados assinalados com \* se referem a porcentagens dentro dos evangélicos pentecostais e os assinalados \*\* se referem à participação no total de evangélicos brasileiros.

A tabela 6 indica a quantidade de homens e mulheres nas igrejas pertencentes ao Protestantismo tradicional ou de missão. Nelas também as mulheres são majoritárias. Mas, com exceção dos luteranos, em todos os demais ramos do Protestantismo a porcentagem de mulheres está acima da média nacional, que é de 50,79%. Somente em um dos ramos do Luteranismo, em dois dos ramos presbiterianos, entre metodistas e episcopais, é que as mulheres são admitidas ao ministério e possuem uma presença mais visível nos cargos-chave de suas respectivas denominações religiosas.

**Tabela 6 – Evangélicos de missão (distribuídos por sexo)**

	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Evangélicos de missão (22,14%) do total de evangélicos brasileiros	5.797.388	2.553.754 (44,05%)	3.243.633 (55,95%)
Luteranos (18,32% dos evangélicos de missão)	1.062.145	523.994 (49,33)	538.152 (50,67%)
Batistas (54,55% dos evangélicos de missão)	3.162.691	1.344.946 (42,52%)	1.817.745 (57,48%)
Presbiterianos (16,92% dos evangélicos de missão)	981.064	427.458 (43,57%)	553.606 (56,43%)
Outros evangélicos de missão não especificados (10,20%)	591.488	257.355 (43,50%)	334.132 (56,50%)

Fonte: IBGE – Censo de 2000 (Tabela 1.1.2)

Já nas denominações protestantes em que as mulheres não são admitidas ao pastorado, ou sequer nas funções de presbítero ou diácono, como é o caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, há mobilizações internas para que isso ocorra. Mas, curiosamente, quase sempre essa luta segue adiante sem a presença e a pressão das mulheres, que parecem ter assimilado a ideia machista atribuída ao Apóstolo Paulo, que aconselhava as mulheres aprender e permanecer caladas na Igreja (1 Tm 2.11).

## **2 - A mensuração da diversidade religiosa além dos dados do IBGE: FGV, DataFolha e Pew Forum**

Até aqui trabalhamos com dados do IBGE, diretamente transcritos por nós ou retrabalhados pela equipe de César Romero Jacob. Analisemos agora números oriundos de outras pesquisas que focalizaram especificamente os números do campo religioso cristão, em seus subcampos: Catolicismo, Protestantismo de missão (ou histórico) e os pentecostais. Veremos a seguir as pesquisas da FGV (Rio de Janeiro), da DataFolha (2007) e a pesquisa *Spirit and Power* realizada em 10 países, por *The Pew Forum on Religion & Public Life* em outubro de 2006.

### **2.1 – Os dados da pesquisa *Economia das religiões* (FGV-Rio de Janeiro)**

Em 2007 foi divulgada a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, coordenada por Marcelo Néri, intitulada *Economia das religiões: Mudanças recentes*. Nessa pesquisa, trabalhando com micro-dados referentes aos números da Pesquisa de Orçamentos Domiciliares (IBGE, POD 2003), os pesquisadores concluíram que “... pela primeira vez, em

mais de um século, a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se surpreendentemente estável” nos primeiros três anos da nova década, “atingindo 73,79% em 2003” (NÉRI 2007: 4-5).

Quanto aos evangélicos pentecostais, a pesquisa da FGV indicou uma percentagem de 17,9% em 2003. Já o grupo dos *sem religião* teria tido uma queda em relação ao Censo de 2000, de 7,4% para 5,1%. Segundo estimativa dos pesquisadores da FGV para 2007, os católicos seriam 129,75 milhões, em uma população de 188,7 milhões; os evangélicos 33,74 milhões, dos quais 23,57 milhões pentecostais e 10,17 milhões de evangélicos não-pentecostais.

Néri *et alii*. afirmam ainda que:

“... usando a população de hoje, 188,7 milhões, e a taxa de crescimento da proporção de 2000 a 2003 dos grandes grupos projetados para hoje (sem saturação) em 2006 teríamos 43,64 milhões de evangélicos no país, sendo 28,88 milhões de pentecostais, e 14,88 milhões de tradicionais”. (2007: 6)

Mas será que a tendência de crescimento dos anos 1990 se repetiria na nova década?

A abordagem dos pesquisadores da FGV consistiu em:

“... relacionar a demanda por novas opções religiosas, leia-se aumento dos pentecostais e dos sem religião nos grupos mais afetados por choques econômicos e sociais adversos como as chamadas crises metropolitana e de desemprego, a onda de violência, favelização, informatização entre outras” (2007:7).

O nicho onde o Pentecostalismo viceja, cresce e floresce, segundo Néri (FGV, 2007:7), se localiza entre os “grupos perdedores da crise econômica”, pois, “... os dados demonstram com clareza que a velha pobreza brasileira (...) continua católica, enquanto a nova pobreza (...) estaria migrando para as novas igrejas pentecostais e para os chamados segmentos sem religião” (os grifos são nossos).

O estudo da FGV e suas estimativas para 2007 podem gerar, a partir dos dados colocados na Tabela 6, uma sensação de que os evangélicos estariam sob forte pressão do crescimento pentecostal. Em outras palavras, eles tendem ao crescimento na medida em que assimilarem as estratégias dos movimentos pentecostal e carismático. Porém, o comportamento da Igreja Católica estaria condenado, por força estatística, a repetir o fraco resultado da década anterior. Talvez falte aqui levar em consideração o esforço do episcopado, a Renovação Carismática e a possibilidade de reversão daquele fraco desempenho.

**Tabela 6 – Cenário desenhado pela pesquisa FGV (em milhões)**

Classificação dos fiéis	2000	2003
Católicos	125,53	129,76
Pentecostais	18,67	28,88
Evangélicos tradicionais	7,48	14,88
Total de evangélicos	26,15	43,64
Total de cristãos	151,68	173,40

Na pesquisa da FGV aparecem também, com destaque, as dificuldades materiais que agem como forças propulsoras do crescimento pentecostal tais como desemprego, precarização das relações de trabalho, violência, favelização, informalização da economia e outros elementos considerados pelos pesquisadores como impacto da miséria. O resultado teria sido o surgimento de uma *nova pobreza* que migra para os pentecostais e sem religião, enquanto a *velha pobreza* era mais rural e católica. Os pesquisadores (NÉRI 2007: 9) valorizaram ainda a ligação weberiana entre *religiosidade e ascensão econômica*. Somos, no entanto, da opinião de que, com o aumento dos excluídos, é preciso também considerar a relação entre *religiosidade e descenso*, especialmente por causa da crise econômica. Há também um dado que chama a atenção, que é o estímulo desempenhado pela expansão do campo religioso na geração de novos empregos e ocupações (NÉRI, 2007:11). Pois novos trabalhadores encontram espaço de trabalho nas atividades das organizações religiosas entre 2000 e 2005. Naquele ano eram 1.766 e, cinco anos depois, 11.616, números que têm como fonte a RAIS/TEM. Porém, se considerarmos que pastor não é declarado no Brasil, juridicamente empregado, e nem as igrejas empregadoras, esses números são muitas vezes maior do que as RAIS indicam.

A pesquisa toca em outros temas interessantes para a compreensão dos aspectos econômicos relacionados com a expansão dos evangélicos pentecostais no Brasil, em especial desde os anos 1990. Seus estudos oferecem excelentes pistas para o estudo da relação afiliação religiosa e classe social, questão de gênero, situação nas cidades, migração rural-urbana, crise metropolitana ou percepção da violência. As igrejas estariam também substituindo o Estado no atendimento, ainda que simbólico de necessidades básicas, enquanto, ainda segundo Néri (2007: 11) o *“número de pessoas exercendo ofícios de natureza religiosa”* demonstra que a religião está oferecendo ocupação para milhares de pessoas sem outras perspectivas de emprego.

Além dessas questões pinçadas da pesquisa da FGV podemos acrescentar também a retomada que Néri faz da relação entre ética e religião. Para aquele pesquisador (NÉRI 2007: 34), é preciso lembrar que o Protestantismo tradicional liberou *“... o cidadão da culpa de acumulação do capital privado”*. Já os movimentos pentecostais *“... liberaram a acumulação privada de capital através da igreja”* (NÉRI, 2007: 34). Essa concentração de recursos nas mãos dos empreendedores religiosos criou condição para uma atuação agressiva no meio das comunicações sociais. Daí o marketing, a compra de emissoras de rádio e de televisão. Por outro lado, o Pentecostalismo *“... estaria prosperando numa fase de descrença quanto a possibilidade individual de ascensão social e profissional”* (NÉRI, 2007: 35). Todavia, é necessário ligar o crescimento da renda por meio da adoção de uma nova filiação religiosa com o acesso ao consumo. Processando os microdados dos Censos de 1991 e 2000, os pesquisadores atribuem aos evangélicos pentecostais a mais baixa renda per capita do país: R\$ 206,42, contra R\$ 358,75 dos evangélicos tradicionais e R\$ 786,14 dos espíritas (NÉRI 2007: 38).

## **2.2 – Os dados da pesquisa DataFolha (2007)**

A DataFolha, empresa pertencente à *Folha de S.Paulo*, preparou uma pesquisa para aguardar a visita do Papa Bento XVI em 2007. Foram 5.700 pessoas entrevistadas, todas acima de 15 anos. Já o IBGE imputa escolha religiosa aos moradores de um domicílio mesmo aos que sejam menores de 15 anos. Essa pesquisa indicou que a Igreja Católica retomou a queda nos números, porém, agora em uma velocidade menor do que a dos anos 90.

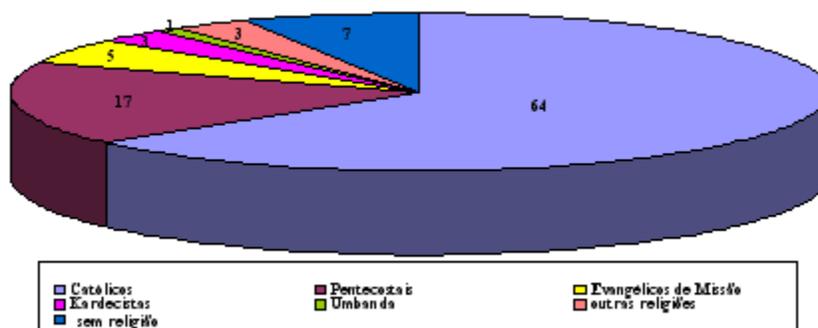
**Tabela 7 - Os números de religião no Brasil**

RELIGIÃO	%
Católica	64
Evangélica pentecostal	17
Evangélica não-pentecostal	5
Kardecista	3
outras religiões	3
Não tem religião	7

Fonte: DataFolha - 2007

A Tabela 8 também ajuda na percepção de alguns números interessantes quanto aos pentecostais. Por exemplo, os pentecostais são maioria dentro do campo evangélico na região Norte (cinco pontos acima da média nacional). É ali onde os evangélicos conseguem o maior índice no Brasil. No Sudoeste encontramos o menor índice de católicos (59%). Nessa região, de cada cem brasileiros, vinte são pentecostais e somente cinco são evangélicos tradicionais.

**Gráfico 13 – Distribuição das religiões no Brasil**



Fonte: DataFolha - 2007

O declínio no número de católicos, segundo pesquisas da DataFolha, foi assim demonstrado: 74% (1996); 72% (1998); 70% (2002) e 64% (2007). Os articulistas divulgadores da pesquisa (*Folha de S.Paulo*, 6/5/07) escreveram que: “... os evangélicos representam 29% da população nas franjas das regiões metropolitanas (sete pontos acima da média nacional)”. Por sua vez, o Sudoeste tem 25% de evangélicos (sendo 20% pentecostais e 5% evangélicos tradicionais), contra 59% de católicos. Isso, contudo, observam os jornalistas, não significa que haja um aumento no número de materialistas e

ateus, pois, 97% declaram crer em Deus; 93% que Jesus morreu e ressuscitou e, 86% que Maria deu à luz Jesus enquanto virgem.

**Tabela 8 – Distribuição das religiões cristãs nas regiões do país (em porcentagem)**

REGIÃO	CATÓLICA	EVANGÉLICA (TOTAL)	EVANGÉLICA (PENTECOSTAL)	EVANGÉLICA (NÃO PENTECOSTAL)
Centro-Oeste	63	24	18	6
Nordeste	71	17	14	3
Norte	61	<b>26</b>	<b>22</b>	4
Sudoeste	59	25	20	5
Sul	<b>70</b>	18	13	5
Média nacional	64	22	17	5

Fonte: DataFolha – 2007

Para fins de comparação entre a pesquisa DataFolha (2007) e a do Censo 2000 quanto à distribuição dos evangélicos pelo país, o Gráfico 11 também ajuda. Pois nele, mais uma vez, aparecem as regiões Norte e Sudeste como as regiões com maior número de evangélicos e, obviamente, de pentecostais.

Quanto às perguntas que a pesquisa DataFolha fez aos entrevistados escolhemos algumas delas apenas algumas, tão somente para mostrar o que ocorre quando a pesquisa se centra na motivação que levou o fiel a fazer o trânsito religioso, e não apenas constatar a sua ocorrência: “Há quanto tempo deixou de ser católico?” os pentecostais assim responderam: até 5 anos (35%); de 5 a 10 anos (28%); mais de 10 anos (32%). Dos que aderiram à nova religião há menos de 10 anos estão em primeiro lugar os solteiros (71%), depois os divorciados e casados (57%) e os viúvos (48%).

Podemos também comparar os dados encontrados pela DataFolha com os números da pesquisa do CERIS (FERNANDES, 2004:21). Nela, a porcentagem dos divorciados encontrada foi de 52,2% e dos separados judicialmente de 35,5% contra 21,8% dos solteiros. Seria o núcleo familiar sólido um empecilho à mudança de religião? Em outras palavras, o êxodo rural, a urbanoindustrialização, teria erodido a influência da tradição familiar sobre a afiliação religiosa das pessoas? Essas informações confirmam que a maior parte das adesões (63%) ao Pentecostalismo aconteceu há menos de 10 anos.

Há outras perguntas da pesquisa DataFolha, como estas: “você costuma contribuir financeiramente para a sua religião?” Os pentecostais que responderam “sim” foram 89%, enquanto os católicos foram 75%. Todavia, os números não conseguem captar o significado do “dar dinheiro à religião”. Pois, católicos concebem o dízimo como sendo 1%, enquanto para os evangélicos o dízimo faz jus ao número 10%. No neopentecostalismo deve-se acrescentar o esquema *do ut des* da “Teologia da Prosperidade”, cujo *sacrifício* é visto como a oferta em dinheiro (não do supérfluo, mas do que é essencial) a fim de se conseguir melhores condições de realizar uma boa barganha com a divindade.

A fidelidade aos cultos e rituais da própria Igreja é a menor entre os pentecostais (9%) se compararmos com os católicos (19%) ou evangélicos tradicionais (15%). Perguntados se “a Umbanda é coisa do demônio”, a resposta de concordância dos pentecostais foi de 83%, contra 53% dos católicos e 71% dos evangélicos não-pentecostais. A pergunta se “os evangélicos são enganados por seus pastores” somente 37% de pentecostais concordaram, contra 67% dos católicos e 47% dos evangélicos não-pentecostais. O reflexo da religião na mudança de hábitos e costumes também encontra nos pentecostais maior índice. A pergunta “você já mudou algum hábito ou deixou de fazer alguma coisa por causa de sua religião?” teve resposta positiva da seguinte forma: pentecostais (54%), evangélicos não-pentecostais (45%) e católicos (9%).

### **2.3 – Os dados da pesquisa *Spirit and Power – a 10 Country Survey of Pentecostal***

A pesquisa publicada em 2006 pelo *The Pew Forum on Religion & Public Life* recebeu o nome de *Spirit and Power – a 10 Country Survey of Pentecostals* e foi apoiada pela *Templeton Foundation* e não por alguma igreja ou agência missionária. A sua sede se situa em Washington DC e seus resultados podem ser encontrados no website [www.pewforum.org](http://www.pewforum.org). As partes principais dessa pesquisa foram discutidas com a participação do cientista social anglo-brasileiro Paul Freston em 24.04.2006 na *University of Southern California*, no Seminário *Moved by the Spirit: Pentecostal Power & Politics after 100 years*.

O Brasil foi um dos dez países escolhidos para essa pesquisa sobre o Pentecostalismo, exatamente no ano em que se comemorava o centenário da aparição pública dos

fenômenos pentecostais, em um velho templo da Igreja Metodista Africana, em *Azusa Street*, na cidade de Los Angeles. O relatório procurou focar as práticas, as crenças e a afiliação religiosa, bem como temas sociais e morais, a visão econômica e atuação política dos pentecostais nos vários países escolhidos para a investigação. Na metodologia foi privilegiada a dimensão demográfica e no Brasil a pesquisa foi feita por amostragem.

Em uma parte inicial do relatório (PEW, 2006:4) os redatores do texto registraram os termos-chave usados na pesquisa deles e assim conceituados: *“Pentecostais são os cristãos que pertencem a igrejas e denominações pentecostais, tais como as Assembleias de Deus, a Igreja de Deus em Cristo e a Igreja Universal do Reino de Deus”*; *“Carismáticos são outros cristãos, incluindo católicos, membros de igrejas protestantes históricas, mas que também se descrevem como ‘cristãos carismáticos’ ou ‘cristãos pentecostais’ ou falam em línguas no mínimo várias vezes por ano”*; Já *“reavivados é um termo guarda-chuva que se refere tanto a grupos pentecostais como carismáticos”*. Entretanto, tais formas de classificação são mais apropriadas ao campo religioso norte-americano. Embora, no Brasil, haja *avivados* ou *carismáticos* que não abandonam as suas respectivas denominações religiosas e preferem continuar sendo *presbiterianos, batistas ou metodistas avivados*. Há, portanto, limites e desafios nessa tarefa de classificar, mensurar e compreender a forma de ser protestante, evangélica ou pentecostal entre nós.

No Brasil a porcentagem de pentecostais entre os protestantes foi de 72%, a de carismáticos 6% e os não-renovados 22%. O tamanho da população pentecostal no Brasil na amostra foi de 15% e dos carismáticos 34%. Os dados relativos à presença pentecostal no Protestantismo tradicional confirmam os números obtidos nas demais pesquisas. Há uma crescente pentecostalização do campo evangélico (protestante) brasileiro. A pesquisa classificou a amostra a partir de três afirmações a respeito de cura divina, revelação e exorcismo:

**Tabela 9 - Cura divina, divinas revelações e exorcismo (em %)**

	Todos	Pentecostais	Carismáticos	Outros cristãos
Testemunharam cura divina	38	77	31	32
Crêem em divinas revelações	35	64	28	29
Experimentaram ou testemunharam exorcismo	34	80	30	26

**Fonte:** Survey Spirit and Power, The Pew Forum, 2006, p.5

Uma questão foi apresentada para verificar a ligação entre Pentecostalismo e fundamentalismo. A questão proposta girava ao redor da afirmação que a Bíblia é a palavra de Deus para ser tomada literalmente. Os pentecostais responderam afirmativamente em 81%, os carismáticos 49%, e os outros cristãos, 65%. Seriam os carismáticos mais dados a uma leitura figurada e metafórica das escrituras? Nos EUA os outros cristãos atingiram apenas 37%, o que indica uma postura mais liberal em oposição aos pentecostais 76% mais fundamentalistas. Na análise das crenças, a concordância com a questão *“a Bíblia foi escrita por homens e não é a palavra de Deus”* alcançou os 2% entre os pentecostais, 7% entre os carismáticos e 12% entre os demais cristãos. Porém, a leitura literal da Bíblia não é a única característica do fundamentalismo e nem é tranquila a identificação entre ambos os grupos protestantes.

Quanto ao interesse por questões sociais e políticas os resultados obtidos são importantes para os que estudam o abandono dos pentecostais à tradicional apatia por esse tipo de questões. A questão proposta se referia a se os grupos religiosos devem ou não emitir opiniões em questões sociais e políticas. Os pentecostais responderam afirmativamente em 65%, os carismáticos 61% e os demais cristãos, 53%. O posicionamento quanto a questão moral e social também foi testada. Mas, nesse caso, carismáticos e outros cristãos se aproximaram mais entre si e se distanciaram do conservadorismo pentecostal.

**Tabela 10 – Posição quanto à questão moral e social**

	Homossexualismo	Consumo de álcool	Divórcio
Pentecostais	76	72	37
Carismáticos	46	40	12
Outros cristãos	46	46	15

**Fonte:** Survey Spirit and Power, The Pew Forum, 2006, p.8

Uma surpresa ou uma confirmação do caráter neopentecostal do subcampo pentecostal brasileiro está no item da pesquisa que é muito caro às tradições pentecostais: falar em línguas. Uma parcela de 29% de pentecostais pratica semanalmente a glossolalia, enquanto 50% confessaram nunca falar em línguas. Já dentre os carismáticos somente 8% falam em línguas, enquanto 84% afirmam nunca praticar a glossolalia, já que no surgimento do movimento nos EUA, no início do século XX, o falar em línguas estranhas era tido como sinal visível do batismo com o Espírito Santo. Em outras palavras: a glossolalia perde espaço como forma de identificar o Pentecostalismo. Já a convivência dos pentecostais com o exorcismo é de 80%, enquanto os carismáticos é de 30%. Em relação ao receber ou interpretar profecias e revelações vindas de Deus, os pentecostais atingiram os 30%, enquanto carismáticos e outros cristãos ficaram, respectivamente, entre 6% e 5% deles. Mas, quando perguntados se recebem respostas as suas orações ou revelações divinas, as respostas podem ser assim tabuladas no que se refere ao Brasil:

**Tabela 11 – Pessoas que recebem respostas as orações e revelações**

	Respostas às orações	Receberam revelações
Pentecostais	95	64
Carismáticos	68	28
Outros cristãos	65	29

**Fonte:** Survey Spirit and Power, The Pew Forum, 2006, p. 17

A frequência a um templo, pelo menos uma vez por mês, foi um outro item mensurado na pesquisa. No Brasil, a resposta *sim* foi de 86% dos pentecostais, 32% dos carismáticos e outros cristãos. A piedade individual e diária teve resposta positiva em 83% dos pentecostais, 72% dos carismáticos e 62% dos demais cristãos. Já a leitura diária da Bíblia atinge níveis muito mais baixos: pentecostais 51%, carismáticos 13% e outros cristãos 10%. Essa questão também é muito curiosa, pois, os evangélicos no Brasil sempre foram considerados fiéis e diários leitores da Bíblia. Quanto ao compartilhar a fé com pessoas que não têm crenças como eles pelo menos uma vez por semana, alcançou as seguintes percentagens: pentecostais 68%, carismáticos 30% e outros cristãos 21%.

A correspondência entre evangelho e saúde é bem aceita por pentecostais em 89%, por carismáticos 72% e outros cristãos em 80%; no que se relaciona a ligação evangelho e

prosperidade, o índice em cada caso foi de 83% para os pentecostais, 61% para os carismáticos e 70% pra os demais cristãos.

Quanto à afiliação prévia dos convertidos ao Pentecostalismo, as respostas foram as seguintes: 38% sempre pertenceram ao Pentecostalismo, enquanto 62% se converteram posteriormente.

**Tabela 12 – Moralidade sexual (comportamento nunca justificado)**

	Homossexualidade	Prostituição	Sexo extramarital	Poligamia
Pentecostais	76	81	63	94
Carismáticos	46	57	26	85
Outros cristãos	46	64	21	85

Fonte: Survey Spirit and Power, The Pew Forum 2006: 36

Com relação à ligação entre a AIDS e a punição divina por pecados cometidos, os resultados confirmam a forte moralidade dos pentecostais, com 37% contra 23% dos carismáticos e 26% dos outros cristãos. Quanto ao aborto 91% dos pentecostais são contra, ao passo que esse índice cai para 76% entre os carismáticos e 82% para os demais cristãos. A negação para a mulher ser pastora obteve as seguintes percentagens: pentecostais 64%, 62% entre os carismáticos e 66% entre os outros cristãos. Quanto a afirmação que *“uma mulher deve sempre obedecer ao seu marido”* as respostas foram: 61% entre os pentecostais, 34% entre os carismáticos e 42 entre os demais cristãos. Novamente reaparece o patriarcalismo no meio pentecostal.

### Considerações finais

Ao longo deste artigo procuramos seguir outros caminhos, além do estudo tradicional do campo religioso brasileiro, usando apenas uma metodologia qualitativa. Optamos pela análise dos números como forma de nos aproximar, não somente das mudanças que ocorrem com o Catolicismo e Protestantismo de missão - que perdem fiéis ou não crescem na mesma velocidade da população brasileira -, mas também como uma maneira de se mensurar a explosão pentecostal que está em andamento no Brasil *a fortiori* após os anos 1970.

Tivemos por objetivo avançar um pouco além dos números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e incluir os números da FGV (de 2003), do *The Pew Forum* (2006) e do DataFolha (de 2007). A última tabela, de número 13, permite uma ligeira visão das dificuldades que ainda cercam a mensuração e o registro de dados demográficos religiosos no Brasil. Há, a rigor, uma dança dos números. Porém, esses números, se cotejados com os dados do IBGE de 2000, apresentam algumas outras luzes sobre o fenômeno que procuramos analisar. Cabe ainda ressaltar que, com exceção do IBGE, todas as demais pesquisas trabalharam com respondentes acima de 15 anos de idade. Já na pesquisa do IBGE, embora ela se refira a uma quantidade muito maior de respondentes, há a atribuição de opção religiosa aos filhos menores de 15 anos pelos responsáveis pela moradia da família.

**Tabela 13 – Composição do campo religioso brasileiro (em %)**

	IBGE - 2000	FGV - 2003	DataFolha - 2007	Pew Forum - 2006
Católicos	73,9	73,7	64,0	57,0
Protestantes	15,6	17,9	22,0	21,0
Outras religiões	3,5	3,3	6,0	5,0
Sem religião	7,4	5,1	7,0	13,0

**Fonte:** elaboração própria.

Procuramos colocar em dois extremos o decréscimo católico romano e o contínuo crescimento tanto do Pentecostalismo mais tradicional (Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus) como também as novas formas de Pentecostalismo, que na falta de um melhor termo tem sido chamado pelos especialistas de *neopentecostalismo*. A visibilidade destes últimos, na mídia, no cotidiano da vida urbana e, especialmente na política estadual e federal, não pode ser compreendida levando-se em consideração apenas a metodologia que se usava para a análise do fenômeno religioso mais tradicional. Daí a necessidade de mais pesquisas do tipo *religião em números*.

A questão colocada inicialmente, importante para muitos cientistas que estudam o fenômeno religioso, que é a previsibilidade do comportamento pentecostal nas próximas décadas, poderia ser melhor respondida por um especialista em análises estatísticas à luz dos dados colhidos nos censos de 1991 e 2000. Há um pressuposto que o Pentecostalismo cresce e

viceja em ambientes regados por crises econômicas e de sentido para a vida das pessoas. Ora, o crescente processo é de internacionalização da economia; de globalização da cultura; de exclusão de uma enorme quantidade de pessoas e da impossibilidade do sistema acolher a todas em seu sistema econômico; não é impossível prognosticar que a opção pentecostal, neopentecostal e carismática continue a minar as instituições religiosas tradicionais que institucionalizaram as fórmulas de se resolver os problemas das massas.

Por outro lado, não se pode deixar de lado não somente o crescimento da chamada *incredulidade* ou o número dos que dizem não ter religião alguma, a diversidade e a pluralidade dos sistemas religiosos exigem uma maior atenção dos pesquisadores. É inegável que se há um ressurgimento do religioso, embora dentro de novos moldes, há um crescente processo de secularização ou de desencantamento do mundo. Nesse novo contexto, a intervenção do sagrado sobre a vida cotidiana vai se tornando algo muito mais subjetivado do que institucionalizado. Realiza-se assim, também no Brasil, o que Marcel Gauchet afirmou a respeito da Europa: “*O que sobrevive no presente da religião cristã já não tem nada a ver com a situação que decidiu o seu desenvolvimento; com as condições graças as quais se impôs e desenvolveu*” (2005: 9).

Seria, portanto, a explosão pentecostal em novas formatações, mais um sinal de que assistimos à inserção do cálculo racional, da lógica do mercado, da busca de resultados práticos e individuais quase sempre mágicos, no coração do próprio Cristianismo? Teria o Cristianismo protestante criado uma cobra que acabou por devorá-lo a partir de seu âmago? De qualquer forma, os números indicam, como registrou a pesquisa *Forum 2006 Survey*, no Brasil, de cada sete respondentes um é pentecostal; três em dez se identificaram como carismáticos; e para cada dez que se identificaram como protestantes, oito são pentecostais. Efetivamente, não se pode mais estudar o campo religioso brasileiro sem se levar a sério a carismatização do Catolicismo e a pentecostalização do Protestantismo histórico, nem a multiplicação de novos grupos pentecostais, alguns deles extremamente segmentados, pois se voltam para os surfistas, drogados, gays, apreciadores de rock, e assim por diante. Os números futuros, sem dúvida, irão refletir tais mudanças.

## Bibliografia

- BASTIAN, J.-P. 1997 «La dérégulation religieuse de l'Amérique Latine», *Problèmes d'Amérique Latine: La diversification du religieux en Amérique latine – a propos de l'expansion des pentecôtismes*, Paris, n. 24, (Jan/Mar): 3-16.
- \_\_\_\_\_. 1994 *Protestantismos y modernidad latinoamericana: História de unas minorias religiosas activas en América Latina*, Mexico, Fundo de Cultura Economica.
- BRAGA, E.; GRUBB, K. G. 1932 *The Republic of Brazil – A Survey of the religious situation*, New York, World Dominion Press.
- CAMARGO, C. P. F. 1973 *Católicos, protestantes, espíritas*, Petrópolis, Vozes.
- CAMPOS, L. S. 2006 “Indicadores sociais e afiliação religiosa no Grande ABC paulista”, *Estudos de Religião*, n.31 (Jun): pp154-193.
- \_\_\_\_\_. 1997 *Teatro, templo e mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*, Petrópolis-São Paulo, Vozes-Simpósio-Umesp.
- DATAFOLHA, 06/05/2007 “As religiões dos brasileiros”, *Folha de S.Paulo*, Caderno Especial.
- ECO, U.; MARTINI, C. M. 2006 *Em que crêem os que não crêem?*, Rio de Janeiro, Record.
- FERNANDES, S. R. A. (org.) 2004 *Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*, Rio de Janeiro-São Paulo, CERIS-Palavra & Prece.
- \_\_\_\_\_, S.R.A. e PITTA, M. 2006 “Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil”, em *Religião e Sociedade*, n.26 (2), pp.121-154.
- GAUCHET, M. 2005 *El desencantamiento del mundo – Una historia política de la religión*, Madrid, Editorial Trotta.
- HIGGIS, P. M. 1921 *Almanaque evangélico para 1922*, São Paulo, s.e.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2003 *Censo Demográfico 2000 – Características gerais da população – resultados da amostra*. Rio de Janeiro, IBGE.
- JACOB, C. R.; HEES, D. R.; VANIEZ, P.; BRUSTLEIN, Violette. 2006 *Religião e sociedade em capitais brasileiras*, Rio de Janeiro-São Paulo, CNBB-PUC-Rio-Loyola.
- \_\_\_\_\_. 2003 *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, Rio de Janeiro-São Paulo, CNBB-PUC-Loyola.

- LA TORRE, R. e ZÚÑIGA, C. G. (Coord.) 2007 *Atlas de la diversidad religiosa em México*, Mexico-Tijuana, Colégio de Jalisco-Centro de investigación y Estudios Superiores en antropología Social.
- MAFRA, C. 2004 “Censo de religião: um instrumento descartável ou reciclável?”, em *Religião e Sociedade*, v.24 (2), pp. 152-159.
- NERI, M. (coord.) 2006 *Economia das religiões: mudanças recentes*, Rio de Janeiro, FGV.
- PAIVA, G. J. 2000 *A religião dos cientistas – uma leitura psicológica*, São Paulo, Loyola.
- PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. 1996 *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*, São Paulo, Hucitec.
- \_\_\_\_\_. 2004 “Bye, bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000, *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, setembro-dezembro, pp. 17-28.
- \_\_\_\_\_. 2003 *O desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber*, São Paulo, Editora 34.
- READ, W.; INESON, F. A. 1973 *Brazil 1980: The Protestant Handbook*, Morovia, CA, Mission Advanced Researcj & Communications Center.
- READ, W.; MONTERROSO, V.; JOHNSON, H. 1969 *O crescimento da Igreja na América Latina*, São Paulo, Mundo Cristão.
- READ, W. 1967 *Fermento religioso nas massas do Brasil*, São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista.
- SANCHI, P. 1995 O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOONAERT, E. 1995 *Historia da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995) o debate metodológico*, Petrópolis, Vozes, pp.81-131.
- THE PEW FORUM ON RELIGION & PUBLIC LIFE. 2006 *Spirit and Power – A 10 Country Survey of Pentecostals*, Washington, Pew Forum on Religion.
- WEBER, M. 2004 *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo, edição de Antonio Flávio Pierucci*, São Paulo, Companhia Das Letras.

Recebido: 05/10/2008

Aceite final: 18/11/2008